

OS TÍTULOS LITERÁRIOS INFANTIS COMO MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

CHILDREN'S LITERARY TITLES AS A MOTIVATION FOR READING

João Claudio Arendt

Universidade Federal do Rio Grande
joaoarendt@gmail.com

Michele Savaris

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
michelesavaris00@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a escolha dos títulos das obras literárias infantis *O livro que lê gente*, de Alexandre da Costa Gomes, *Quem soltou o Pum?*, de Blandina Franco, e *A avó Amarela*, de Júlia Medeiros. Parte-se do pressuposto de que o estranhamento semântico causado por esses títulos provoca a interação do leitor, levando-o a elaborar hipóteses acerca do conteúdo das obras e, posteriormente, convidando-o a realizar a leitura. Para tal análise, serão considerados três aspectos: a) o título como elemento paratextual; b) o título como porta de entrada para a narrativa; c) as conexões entre o título e o texto principal. A base teórica é composta, entre outros, por Genette (1986), Chevalier e Gheerbrant (2009) e Ramos (2011). A análise dos títulos das obras literárias infantis revelou a importância das escolhas relativas ao universo literário e o quanto as decisões do autor e/ou do editor implicam no processo de leitura e, de certo modo, na formação dos leitores. Além disso, observou-se que é fundamental ter sempre em conta tanto o poder das palavras e suas possibilidades interpretativas, quanto os jogos semânticos que o campo da literatura acolhe com tanta coerência.

Palavras-chave: Literatura infantil; Títulos de livros; Paratextos; Leitura; Formação de leitores.

ABSTRACT

The aims of this paper is to analyze the choice of titles for children's literary works *O livro que lê gente*, by Alexandre da Costa Gomes, *Quem soltou o Pum?*, by Blandina Franco, e *A avó Amarela*, by Júlia Medeiros. It is assumed that the semantic estrangement caused by these titles provokes the reader's interaction, leading him to elaborate hypotheses about the content of the works and, later, inviting him to carry out the reading. For this analysis, three aspects will be considered: a) the title as a paratextual element; b) the title as a gateway to the narrative; c) the connections between the title and the main text. The theoretical basis is composed, among others, by Genette (1986), Chevalier and Gheerbrant (2009) and Ramos (2011). The analysis of the titles of children's literary works revealed the importance of choices related to the literary universe and how much the author's and/or editor's decisions imply in the reading process and, in a certain way, in the formation of readers. Furthermore, it was observed that it is essential to always take into account both the power of words and their interpretative possibilities, as well as the semantic games that the field of literature embraces with so much coherence.

Keywords: Children's literature; Book titles; Paratexts; Reading; Reader training.

INTRODUÇÃO

Imagine a seguinte situação: você está descansando depois do almoço, aguardando o horário para reiniciar seu expediente. Enquanto relaxa, aproveita para dar aquela espiada em uma das suas redes sociais, quando observa que uma das pessoas que você segue está divulgando a venda de diversas obras literárias infantis por um preço bastante acessível. No *post*, a imagem da capa de cada livro acompanha o devido valor na moeda brasileira. Você, que tem filhos pequenos e se esforça para agradá-los com a melhor história todas as noites antes de dormir, não pensa duas vezes e começa a analisar a lista. No entanto, muitos desses livros são-lhe desconhecidos e, para piorar, não há informações relativas ao tema e ao gênero que possam auxiliar na escolha. Claro, você poderia pesquisar um a um na internet e descobrir, mas, em poucos minutos, deve retornar ao trabalho e, como o preço de cada item é muito baixo, teme perder a oportunidade, caso não realize logo a compra. Então, você precisa estabelecer outro critério, que não seja a leitura da sinopse, para escolher quais livros comprará. Que critério seria esse? Que aspectos poderiam ser decisivos nesse momento?

A situação relatada é fictícia, no entanto, ajuda a ilustrar que nossas escolhas estão sempre pautadas por algum tipo prévio de análise, cujo resultado sustentará o argumento da decisão. Num caso como o exposto aqui, as informações presentes na capa, possivelmente, seriam os únicos elementos capazes de contribuir para a decisão da compra. Por isso, o título da obra pode ser um critério que colabora na condução à aquisição e à leitura de um texto ou livro. Para levar a cabo esta reflexão, o presente trabalho debruçar-se-á sobre três obras infantis, a saber: *O livro que lê gente* (de Alexandre da Costa Gomes e ilustrações de Cris Alhadeff), *Quem soltou o Pum?* (de Blandina Franco e ilustrações de José Carlos Lollo) e *A avó Amarela* (de Júlia Medeiros e ilustrações de Elisa Carareto), com o intuito de analisar três pontos principais: a) o título como elemento paratextual; b) o título como porta de entrada para a leitura; c) as conexões entre o título e o texto principal.

A escolha das obras mencionadas deu-se, principalmente, por questões pessoais. Desde o primeiro contato com esses livros, fomos fisgados pelo estranhamento que os títulos causaram e, conseqüentemente, sentimo-nos impelidos à leitura para saber do que tratavam. Além disso, sempre entendemos a escolha de títulos, seja de textos ficcionais, teóricos, críticos ou artísticos, como uma espécie de convite ao leitor e, por isso, supomos que, em alguma medida, ela toma do autor, escritor ou artista certo tempo e energia para definir como e qual será essa porta de entrada. Acrescentamos, ainda, que nos intriga pensar a linguagem enquanto mecanismo que, ao ser utilizada para nomear, também acaba gerando silêncios, já que, ao optarmos por um nome, palavra, expressão ou título, descartamos inúmeras outras possibilidades. Nesse sentido, a afirmação de que, “[n]a literatura, o ato de nomear é antes ‘um assassinato deferido’, um gesto de negação (LEVY, 2011, p. 23)¹, parece servir, também, à ideia de pensar o título de uma obra enquanto ato decisivo que envolve, ao mesmo tempo, uma escolha e inúmeras exclusões.

A ANÁLISE DE TRÊS TÍTULOS LITERÁRIOS

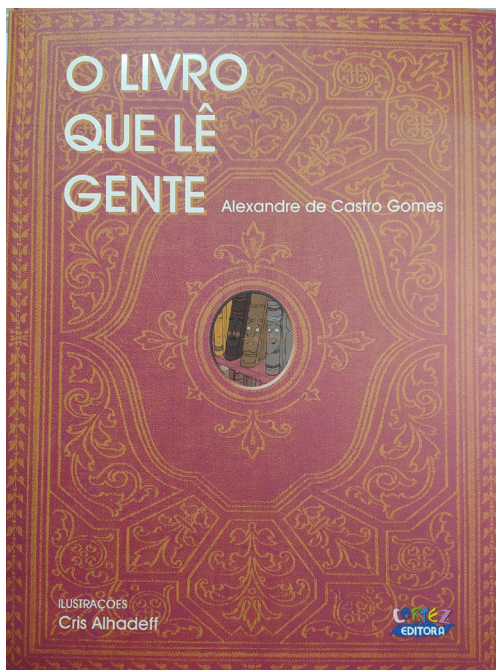
Para refletir acerca do impacto que o título pode exercer sobre o leitor, escolheram-se três obras literárias infantis, cujos nomes geram sentidos, no mínimo, curiosos e, por isso, causam estranhamento.² Ressalta-se que, para fins de análise, também será lançado um olhar para outros elementos

1 Estas ideias de Tatiana Salem Levy fazem parte do primeiro capítulo da obra *A experiência do fora* em Blanchot, Foucault e Deleuze, em que a autora analisa o conceito de “fora” proposto por Blanchot, Foucault e Deleuze.

2 O próprio trabalho de mediação de leitura pode partir de situações em que a exploração e o levantamento de hipóteses relativas ao título, por parte do mediador, podem funcionar como atividade de pré-leitura.

externos ao texto principal das obras ficcionais, a fim de verificar quais outras informações contribuem para a descoberta do argumento narrativo. O título pode carregar parte da responsabilidade relativa à atração (ou rejeição) que ocorre entre o leitor e o livro. Segundo Nikolajeva e Scott (2011, p. 308), os títulos “são parte importante dos textos como entidade, e muitos estudos empíricos mostram que jovens leitores frequentemente escolhem (ou rejeitam) livros por causa dos títulos”. Tal informação marca a importância da criação dos títulos por parte do autor ou editor e mostra que esse ato pode colaborar para que o leitor abra ou não a porta de entrada para a obra.

O primeiro livro a ser analisado intitula-se *O livro que lê gente*:



Fonte: capa digitalizada pelos autores

Observa-se, inicialmente, que o sentido gerado pelo título causa estranhamento, visto que o sujeito da ação da leitura sugerido não é um ser humano, como seria de esperar, mas, sim, um livro. Nesse momento, é possível que a tendência do leitor seja buscar outros elementos que contribuam para o esclarecimento do enunciado. Além de título, nome do autor, ilustradora e editora, a capa possui uma textura fosca, imitando um tecido vermelho que a forra, como se fosse um livro antigo. Bem ao centro, a imitação de uma pequena abertura em formato oval mostra alguns livros, em pé, numa prateleira, em cuja lombada está representada a face de cada um deles, como se estivessem espiando o leitor. A leitura da capa pode sugerir a elaboração da primeira hipótese acerca da relação entre o título e o texto principal.

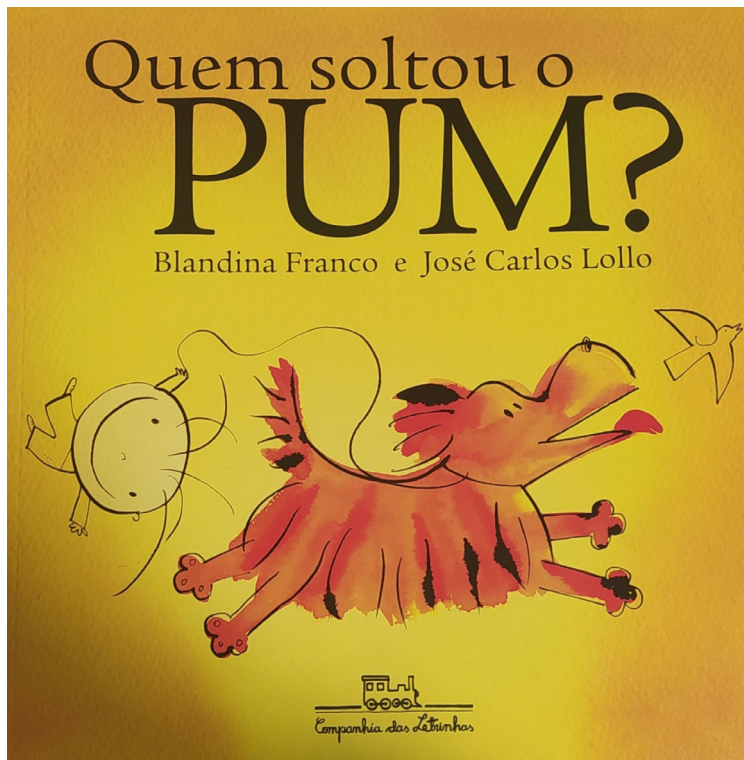
Na quarta capa, a sinopse revela:

Em vez de ser lido, um livro velho e roto aprende a ler pessoas, numa estranha inversão de papéis. Depois de ser colocado longe do alcance dos leitores, no alto de uma estante, ele faz amizade com outro livro antigo que o ensina a enxergar a diversidade e a riqueza da vida humana ao observar os frequentadores de uma biblioteca. Juntos, procuram pistas e descobrem histórias e personagens da vida real incríveis. (GOMES, 2016)

Aqui, há mais elementos que ajudam a ampliar o sentido que o título propõe. Sabe-se que as ações passam-se em uma biblioteca e que uma relação de amizade é estabelecida entre os livros na prateleira. Obviamente, para complementar essas informações, o leitor precisa abrir a obra e percorrer as páginas através do ato da leitura e, então, apropriar-se do sentido geral da narrativa.

Ainda que o leitor, por alguma razão, não tenha acesso à quarta capa e tampouco à ilustração da capa, é possível supor que o título, ao operar em uma lógica contrária àquela proposta pelo cotidiano – “gente que lê livro” –, aguça a curiosidade, possivelmente, levando os supostos leitores a testarem suas hipóteses iniciais através do ato da leitura.

A segunda obra a ser analisada é *Quem soltou o PUM?*



Fonte: capa digitalizada pelos autores

O título em forma de pergunta convida o leitor a dar uma resposta, mas, para isso, precisará entrar na narrativa. A palavra “pum”, que poderia exprimir o barulho forte da queda de algum objeto ou de alguma explosão, na forma como aparece no título, sugere, também, uma referência ao flato que, socialmente, quando não controlado, é gerador de vergonha ou riso. Na capa do livro, predomina a cor amarela e, no alto, a pergunta enfatiza a palavra PUM em caixa alta, quase uma onomatopeia, sugerindo se tratar de um barulho.

Um olhar mais atento à capa revela a imagem de um cão correndo, guiado por um menino que segura a ponta de uma corda, à qual está amarrado o animal. Assim como no livro anterior, as informações da capa ajudam a ampliar as hipóteses, mas não as confirmam.

Na quarta capa, lê-se que:

Um pum pode ser problemático na vida de uma pessoa. Quando ele é um cachorro, então, aí é que ninguém segura. É um tal de o Pum escapar, fazer barulho, atrapalhar os adultos o tempo todo! E aí logo alguém pergunta:

– Quem foi que soltou o Pum de novo?

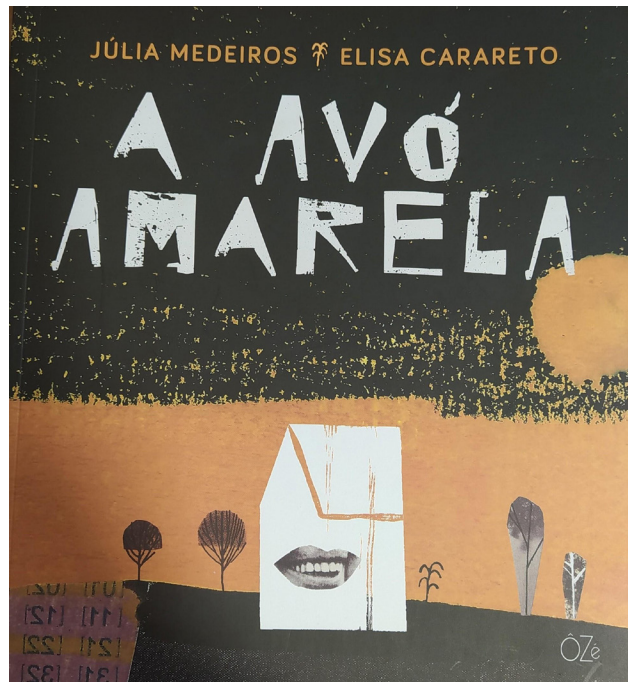
E lógico que é sempre culpa do irmão mais novo:

– Foi ele, ó!

Coitado do Pum... (FRANCO, 2010, s/p).

Imediatamente, tem-se a revelação de que o Pum é, na verdade, um cachorro e, ao que tudo indica, gera bastante confusão quando está solto. Assim, quando o leitor detém-se apenas nas informações da capa, o título sugere certa ambiguidade, dada a polissemia do termo “pum”. Em uma atividade de contação de histórias, em que é possível privar o ouvinte das ilustrações até o final da narrativa, a presença da dúvida pode se estender ainda mais, já que a narrativa refere-se ao Pum como causador de problemas e constrangimentos, revelando apenas por meio das imagens que se trata de um animal.

A terceira obra escolhida para análise é *A avó Amarela*:



Fonte: capa digitalizada pelos autores

O amarelo é comumente utilizado para descrever objetos, em geral, e espaços. No entanto, no título deste livro, relaciona-se a uma pessoa. A combinação das palavras “avó” e “amarela” gera uma interpretação inusual. Em um sentido mais literal, poder-se-ia imaginar a imagem da avó com um tom de pele mais amarelado. Na capa, o preto, o branco e o amarelo predominam, em uma composição que busca montar uma pequena paisagem através de várias técnicas: colagem, pintura e xilogravura. Os elementos da capa não esclarecem muito acerca do texto principal e, talvez, o que mais se aproxima do termo “avó”, que consta no título, é a figura recortada de uma boca sorrindo. Seria a boca da avó?

Na quarta capa, encontram-se dois trechos. No primeiro, a narradora diz:

Este livro não é sobre a Avó Azul

(embora ela também dormisse sem boca)

Ele também não é sobre a sua avó

(porque eu nem sei qual é a cor dela)

Ele é sobre a minha Avó Amarela

(de quem, às vezes, fico roxa de saudades). (MEDEIROS, 2018, s/p).

Já o segundo trecho está assinado por Leo Cunha, e fica evidente que se trata da sua opinião acerca da obra: “Bate-me uma grande alegria ao ver a literatura infantil se renovando com obras deli- cadas, sensíveis e poéticas como esta.” (MEDEIROS, 2018, s/p).

O primeiro excerto mostra, pelo menos, duas informações importantes: a) Amarela é o nome da avó da narradora, pois o termo aparece com letra maiúscula, indicando substantivo próprio (o título da obra está em caixa alta, o que impede diferenciar se esse nome é próprio ou comum, em um pri- meiro momento); b) a narradora também possui uma avó Azul. Além disso, o uso do roxo, para definir a saudade que sente, supõe uma tendência de que outras cores podem ser mencionadas, ajudando, assim, a contar a narrativa.

Diante disso, cabe destacar que todas as palavras que compõem o título são de fácil compre- ensão e, de forma isolada, podem fazer parte da vida de qualquer pessoa. No entanto, a escolha e a combinação das palavras “avó” e “amarela” reagem semanticamente, causando estranhamento.

O TÍTULO COMO ELEMENTO PARATEXTUAL

Desde que o livro surgiu, constituindo-se como objeto associado ao conhecimento e à informa- ção, foram-se-lhe agregando diversos elementos, de caráter técnico ou não, constituindo a sua iden- tidade. Como elemento paratextual, o título parece sempre ter sido parte essencial para conduzir o leitor ao que se chama de texto principal.

Gérard Genette, que se debruçou exaustivamente sobre o estudo dos elementos que compõem o livro, afirma que o texto

raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido ha- bitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. Esse acompanhamento, de extensão e conduta variáveis, constitui o que [...] batizei de paratexto da obra [...] (GENETTE, 2009, p. 19).

Paratexto é, portanto, tudo aquilo que é externo ao texto principal, como, “por exemplo, a capa e a contracapa, a lombada, as orelhas, as guardas, a página de rosto, a tipografia; o nome de autor; o índice; o título e os subtítulos; a instância prefacial; entre outros” (MATTOS; RIBEIRO; VIANA, 2016, p. 350), que podem atuar como uma espécie de reforço em relação ao texto principal. Ramos (2011, p. 17) afirma que os paratextos agem “antecipando informações e criando expectativas, dialogando igualmente com o interior do texto, acrescentando-lhe sentidos”. Desse modo, ao analisar as obras *O livro que lê gente*, *Quem soltou o Pum?* e *A avó Amarela*, o título é um dos principais elementos para- textuais identificados quando se olha para o livro.

Segundo Genette (2009, p. 76), “o título, como se sabe, é o ‘nome’ do livro e, como tal, serve para nomeá-lo, isto é, designá-lo com tanta precisão quanto possível e sem riscos demasiados de confusão. Mas nomear uma pessoa (entre outras) não nos informa suficientemente a seu respeito [...]”. Nesse sentido, para alcançar outras informações, antes de se acessar a narrativa de uma obra, a capa e a quarta capa, que são paratextos, apresentam-se como alternativas para descobrir ou, pelo menos, para o leitor se aproximar do conteúdo. Conforme já foi sinalizado anteriormente, os três títulos relativos às obras em análise rompem com a associação linear entre os termos e acabam, de certa

forma, conduzindo o leitor a criar hipóteses e a buscar caminhos que ajudem a esclarecer as razões do título. Ao se acessar a sinopse na quarta capa, *O livro que lê gente* e *Quem soltou o Pum?* revelam ao leitor alguns detalhes que compõem a narrativa. No caso do primeiro livro, surge a certeza de que Pum é o nome dado ao cão, protagonista da obra. Já, em relação ao segundo livro, a sinopse revela que a história passa-se em uma biblioteca, onde os livros observam os leitores e, então, descobrem detalhes sobre eles. No caso da obra *A avó Amarela*, a quarta capa não revela muitas informações, o que pode ser visto como estratégia para que o leitor percorra as páginas através do ato da leitura verbal e visual, a fim de alcançar a compreensão.

No que diz respeito às funções que um título pode ter, Genette (2009) apresenta, pelo menos, três: a) identificar a obra; b) indicar seu conteúdo; c) seduzir o público. A primeira categoria parece básica e atende à questão do pertencimento, ou seja, narrativa e título pertencem um ao outro. Em relação à segunda função, Gérard Genette propõe que “os títulos que indicam, qualquer que seja a maneira, o ‘conteúdo’ do texto serão chamados, o mais simplesmente possível, temáticos [...]” (GENETTE, 2009, p. 74). O teórico francês amplia as questões relativas ao conteúdo indicado pelo título, tomando emprestado da linguística os termos “tema” e “rema”. Para o autor, os títulos temáticos são os que anunciam o conteúdo do texto de forma direta, e os remáticos, bastante comuns na era clássica, são os que definem a prática empregada para desenvolver o texto (*Poemas, Diário, Autobiografia, Divagações, Sermões* etc). Nesse sentido, seguindo a classificação de Genette, pode-se dizer que os três títulos analisados, no presente trabalho, seriam de ordem temática, pois preservam o mínimo de contato com o campo semântico a que se referem, ainda que (apenas) isso não garanta a certeza ao leitor sobre o que a obra trata na sua totalidade. Já em relação à última categoria proposta (seduzir o público), Genette discute os mecanismos presentes nos títulos que poderiam contribuir para atrair o público leitor. Tal aspecto serve às reflexões feitas a seguir, atendendo, assim, o segundo ponto de análise a que se propõe este trabalho.

O TÍTULO COMO PORTA DE ENTRADA PARA A NARRATIVA

O campo da literatura, pelo seu caráter inventivo, desconhece os limites da linguagem e tudo o que nela ecoa. Uma palavra pode sugerir fatos, excluir possibilidades, negar ações ou confundir os sentidos. Assim, o leitor sente reverberar os efeitos da criação através do ato da leitura, seja ela verbal ou visual.

Segundo Tatiana Salem Levy, “a linguagem não parte do mundo, mas constitui seu próprio universo, cria sua própria realidade. É justamente em seu uso literário que a linguagem revela sua essência: o poder de criar, de fundar um mundo” (2011, p. 20). No âmbito da ficção, por mais que a palavra esteja associada à criação, não se opõe ao mundo real, mas carrega o compromisso de “dizer”, de estabelecer relações entre o que ela enuncia e o que ela cria. A partir dessa ideia, pode-se pensar que a presença dos títulos, em obras literárias ou não, tem (sempre) o intuito de confirmar as relações possíveis entre o texto e o seu conteúdo. Nesse contexto, principalmente quando se trata de obras literárias (ou artísticas), os títulos podem tanto exprimir relações denotativas, quanto metafóricas, tendo em vista o conteúdo do texto. Pensar e definir o título é, portanto, parte do processo de escrita.

Ainda na perspectiva dos significados que as palavras podem exprimir, considera-se a reflexão feita pela artista Claudia Zimmer de Cerqueira Cezar sobre os títulos das obras de arte:

Fico pensando [...] nesse espaçamento, muitas vezes abissal, preche de sentido, que as palavras possuem, e mais especificamente os nomes, e tento buscar uma ponta que possa ligar para depois distanciar do título. Se nome e título têm por função designar algo e individualizar, desencadeiam discursos, são atos de seleção, forma de (re)conhecimento e instrumentos de subjetivação, o que os difere então? Penso [...] se não seria o fato de o título advir de um processo de criação em que, via de regra, seu autor o concebe. Ou seja, um título sucede diretamente do envolvimento do artista com a fatura do trabalho. Essa é uma linha tênue e esticada quase a ponto de arrebentar, deixando-nos muitas vezes confusos; afinal, intitular também é um ato de nomear (CEZAR, 2014, p. 120-121).

A autora ainda acrescenta:

[...] enquanto palavras que sabemos já terem em si incutida a produção de sentidos, os títulos podem fazer seus próprios jogos, criar realidades, bem como, favorecer a compreensão (ou não) de um trabalho, redimensionar sua significação, agir como porta de entrada e/ou saída na totalidade da obra (CEZAR, 2014, p. 121).

Embora as ideias da autora partam do campo das artes visuais³, as afirmações “intitular é nomear” e “os títulos podem agir como portas de entrada e/ou saída”, podem muito bem servir à análise que está sendo feita aqui, tendo as obras literárias como base. No caso da literatura, e diante da abordagem neste trabalho, pensar o título apenas como porta de entrada, e não de saída, parece mais adequado, já que sugere um movimento quase literal feito pelo leitor de adentrar a narrativa, iniciar a leitura e nela permanecer até a última palavra do texto.

Acerca da relação título-texto, Genette (2009) considera que uma das funções atribuídas ao título é o da sedução. Para isso, o teórico, com base em Umberto Eco, afirma que um título deve embaralhar as ideias e não as organizar de modo linear. Genette acrescenta que “um bom título diria o suficiente para atizar a curiosidade e pouco o suficiente para não saturá-la”. (2009, p. 86). A sedução do título, portanto, estaria diretamente ligada ao efeito que provoca no sujeito que o lê. Assim, se se toma como exemplo *O livro que lê gente*, *Quem soltou o Pum?* e *A avó Amarela*, considera-se que os traços de sedução, expressos por Genette estão presentes. Na primeira obra, a inversão da linearidade entre sujeito e objeto, proposta pelo título, convida o leitor a imaginar de que forma o livro pode ser, desta vez, o agente da ação. Na segunda obra, a palavra “PUM” gera ambiguidade e faz o leitor oscilar entre o sentido literal e metafórico da palavra. Já no terceiro e último livro, a ligação direta entre as palavras “avó” e “amarela” causam estranhamento, visto que o adjetivo tanto poderia designar o nome da avó (embora não seja muito comum), como também definir a cor da pele. Nos três casos, a absorção do sentido por parte do leitor não é imediata, exigindo que ele busque alternativas possíveis que justifiquem o significado de tais títulos.

Cabe pensar que os títulos *O livro que lê gente*, *Quem soltou o PUM?* e *A avó Amarela*, desde o início, implicam a atitude ativa do leitor em relação à obra, já que o estranhamento induz à elaboração de hipóteses e, possivelmente, por uma questão de comprovação dessas alternativas, o leitor queira ler a história. Ainda que tais hipóteses não sejam levantadas pelo leitor, fica, no mínimo, a dúvida de como a narrativa poderá atender a tal título, e esse estado de curiosidade tende a levar à leitura do texto. Nessa perspectiva, se os títulos atuam como portas de entrada para a obra, conforme propõe Cezar (2014), aqueles que brincam com a linguagem e desfazem a lógica cotidiana tendem a se configurar quase como uma porta que convoca o leitor a abri-la. Vale dizer que não se está considerando essa ideia como fórmula para que o leitor se interesse pela obra, mas, sim, uma possibilidade que se instala quando se analisa o conjunto da obra literária e as implicações que a literatura tem sobre os sujeitos que se entregam a ela.

3 Claudia Zimmer de Cerqueira Cezar é artista plástica e pesquisadora. Sua tese de doutorado, cujas ideias são mencionadas neste artigo, está voltada para o campo das Artes, no entanto, diversas vezes ela dialoga com a linguagem literária.

CONEXÕES ENTRE O TÍTULO E O TEXTO PRINCIPAL

Neste último tópico da análise, cabe observar de que forma os títulos *O livro que lê gente*, *Quem soltou o Pum?* e *A avó Amarela* relacionam-se com a narrativa que acompanham. Conforme já se afirmou anteriormente, além dos títulos, outros elementos paratextuais podem adiantar ao leitor informações do texto principal. No entanto, apenas a leitura integral é capaz de esclarecer, de fato, os vínculos que unem a narrativa ao título.

Em *O livro que lê gente*, o artigo definido “o” faz saber que o provável protagonista da narrativa é um livro específico e que é ele que tem a habilidade de “ler gente”. O leitor é convidado a imaginar, antes de ler a sinopse ou iniciar o texto, de que forma essa leitura pode se dar. Quando a trama começa, o cenário onde a história se desenvolverá é apresentado: “[...] na mais alta prateleira da maior estante da biblioteca pública de um bairro suburbano”. (GOMES, 2016, p. 05). Ali dois livros conversam: Aladim, o mais velho, e Pinóquio, o mais novo, recém-chegado à biblioteca. O mais jovem, um pouco decepcionado por estar em uma das prateleiras que indicavam pouco acesso por parte dos leitores, perguntou:

- Mas e agora? O que a gente faz? [...]
- Bem, nós aqui não saímos muito. Eu e meus colegas [...] contamos nossas histórias uns para os outros antes de dormir. [...]
- [...] Mas e durante o dia? O que há para fazer?
- Eles cochilam. Eu gosto de ler.
- Livros?
- Não. Eu gosto de ler gente. Cada um que entra nesta biblioteca. E daqui de cima podemos ler todo mundo.
- Ler pessoas? Como? Elas não têm palavras escritas nem páginas para virar.
- Dá, sim. Quer ver? É até bem divertido. Só precisamos usar um pouco a imaginação [...]. Está vendo aquele menino ali? [...] se você prestar bem atenção poderá, só de olhar para ele, conhecer um pouco de sua história. Repare só nas manchas da camisa – sugeriu Aladim.
- É sujeira. Parecem marcas de uma bola de futebol.
- Isso aí, ele deve ter vindo de um jogo na escola, por isso ainda está de uniforme. (GOMES, 2016, p. 08-10).

O trecho transcrito mostra de que maneira o processo de leitura mencionado no título acontece. Aladim vai ensinando Pinóquio a observar as pessoas, perceber o que elas vestem, que acessórios carregam e, assim, obter informações que possam construir e definir quem são aquelas pessoas. O título “O livro que lê gente”, portanto, faz referência a Aladim, ou seja, é dele que parte essa atitude, e Pinóquio une-se ao novo amigo através dessa prática. Juntos leem para Juju (uma adolescente que segurava um livro sobre vampiros), Ivan (um experiente professor de Ciências que tinha uma marca de queimadura na ponta do nariz), Osvaldinho (que adorava livros de espionagem), dona Anita (a bibliotecária) e Mozinho (o namorado de Anita). Ao finalizar a história e se conectar o conteúdo ao título, percebe-se que o estranhamento provocado pelo nome do livro dilui-se, visto que o argumento narrativo dá conta de explicar a inversão proposta pelo título.

Na obra *Quem soltou o Pum?*, têm-se, pelo menos, dois caminhos possíveis de acesso à narrativa: o primeiro é ler o texto e as ilustrações na ordem em que aparecem; o segundo é ler apenas o texto, abrindo mão das imagens ou, em um contexto mais apropriado, somente ouvir a história. Essa última possibilidade prolongaria a ambiguidade proposta pelo título:

Meu melhor amigo é o Pum. Nada me deixa mais feliz do que soltar o Pum. Mas às vezes as pessoas olham feio para mim porque o Pum faz barulho e atrapalha a conversa dos adultos. Meus pais dizem que isso acontece porque tem hora certa pra soltar o Pum. Quando eu solto na hora errada, ele incomoda os outros e eu acabo levando um monte de bronca à toa. Teve uma vez que eu, assim por distração, soltei o Pum no jardim do prédio onde a gente morava e levei a maior bronca da síndica. (FRANCO, 2010, p. 04-10)

A primeira frase, sutilmente, tenta mostrar que “Pum” pode se referir a um ser. No entanto, as informações seguintes reforçam a ambiguidade e, no caso de o leitor ter apenas o texto escrito (ou oral) como meio para acessar a narrativa, a palavra “pum” também serve para descrever um flato. Já se se faz a leitura das ilustrações que compõem a obra, rapidamente, percebe-se que “Pum” é o nome do cão da narradora da história e, ao que tudo indica, ele é bastante travesso. Nesse momento, o título e o texto principal comprovam sua conexão, desfazendo a ambiguidade.

Por fim, a obra *A avó Amarela* é a que menos oferece informações advindas dos paratextos. O artigo definido “A” faz saber que se trata de uma avó específica. Além disso, atribuir o amarelo a uma pessoa é algo incomum. Ainda assim, o leitor pode pensar que “amarela” estaria relacionada à avó, por ela ter alguma enfermidade cujos sintomas seriam o tom amarelado da pele; ou, então, imaginar uma avó que tem por gosto o uso de roupas amarelas; ou, ainda, supor que a avó seja descendente do povo asiático. Essas hipóteses parecem ser plausíveis sob a óptica de uma criança; no entanto, a leitura da obra esclarece que elas são falsas.

O enredo da obra é narrado pela neta, que vai apresentando ações cotidianas praticadas pela avó e são reveladoras do seu modo de ser:

Vó Amarela amava os domingos. Acordava antes do dia e se aprontava sem dar um pio, por estar ainda sem boca.

A boca da minha avó passava as noites de molho num copo, em cima do criado-mudo, sem dizer uma palavra.

– E você não tem medo que ela se afogue, vó?

– Que nada! Depois que ela passou a dormir na água, nunca mais tive sede à noite, durmo feito fada. (MEDEIROS, 2018, p. 07-08).

De modo bastante sensível, a narradora conta a ida da avó Amarela à feira, às compras e ao cemitério, bem como narra a chegada dos filhos e netos para o almoço de domingo, as apostas na loteria e o desejo de repartir o prêmio com todos, caso venha a ganhar. No final da tarde de domingo,

[O]s pais mandavam que os filhos se despedissem da avó, mas ela logo convidava os netos para o lanche”. [...] Enquanto os primos mineiros arremedavam o sotaque dos primos do interior de São Paulo, ela separava queijo, farinha, carne de lata e biscoito trançado, para viagem. Embrulhado em pano de prato, o carinho era sempre dividido “irmãmente”: teríamos todos uma fatia de Avó Amarela em casa. Com essa maneira de encolher as lonjuras, poderíamos visitá-la em cada mordida. (MEDEIROS, 2018, p. 36-39).

Fragmentos semelhantes a esse vão construindo a história e registrando as lembranças e a saudade. De acordo com o dicionário dos símbolos, em uma das suas várias acepções, o amarelo está associado à eternidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986). Tal referência parece coerente com o propósito do texto e encontra sentido no título da obra. Através da palavra “amarela”, a neta materializou as lembranças associadas à avó, dando, assim, cor e forma à eternidade.⁴ O fim da narrativa também é o fim de mais um domingo, em que avó, filhos e netos partem em direção às suas casas, aguardando que mais um fim de semana chegue para acolher mais memórias como aquelas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, (re)surgem as perguntas colocadas no início deste artigo: o que teria motivado a escolha dos títulos por parte dos autores? Teria surgido primeiro o título e depois o texto principal? Ou a narrativa teria sugerido o nome de cada um dos livros aqui analisados? Não seriam respostas impossíveis de obter, caso os autores pudessem relatar todo o processo de criação e revelar qual foi a ordem para cada um dos casos. Essa dinâmica de perceber os silêncios através das palavras manifestadas faz parte do jogo que envolve a linguagem, a qual sobrepõe realidades e embaralha os sentidos.

A abordagem feita neste trabalho resulta de um recorte bastante delimitado e, por isso, as reflexões acabaram sendo sucintas diante das inúmeras possibilidades que a literatura oferece. No que diz respeito aos títulos, vale observar que, embora sejam enunciados curtos diante do texto que os acompanha, eles desempenham um papel essencial em relação à identificação da obra em si e refletem parte do processo laboral dos seus autores, além de serem responsáveis, em alguma medida, por convidarem os leitores à leitura. Tal ideia vai ao encontro da situação fictícia apresentada no início deste artigo.

Por fim, após revisitar as obras literárias infantis e analisá-las, ressalta-se a importância das escolhas relativas ao universo literário e o quanto as decisões implicam no processo de leitura e, de certo modo, na formação dos leitores. Ademais, é fundamental ter sempre em conta tanto o poder das palavras e suas possibilidades interpretativas, quanto os jogos semânticos que o campo da literatura acolhe com tanta coerência.

Referências

- CEZAR, C. Z. C. *(Des)localização do meio e outras rotas: trânsito entre meios*. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/110005?show=full>>. Acesso em 30 abril 2021.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder S. A., 1986.
- FRANCO, B. *Quem soltou o Pum?* Ilustrações: José Carlos Lollo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GOMES, A. de C. *O livro que lê gente*. Ilustrações: Cris Alhadef. São Paulo: Cortez, 2016.
- LEVY, T. S. *A experiência do fora em Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

⁴ Sem sombra de dúvidas, *A avó Amarela* é uma obra a partir da qual se podem explorar inúmeros aspectos, dada a riqueza de elementos narrativos (verbais e não-verbais). No entanto, para o presente trabalho, nossa análise limitou-se a observar as relações com foco no título.

MATTOS, M.S.; RIBEIRO, P.F.N.; VIANNA, S. 2016. Capas e contracapas de livros ilustrados: espaços privilegiados de estratégias discursivas. *Cadernos de Letras da UFF*, 26(52): 349-372.

MEDEIROS, J. *A avó Amarela*. Ilustrações: Elisa Carareto. São Paulo: Ôzé Editora, 2018.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Trad. de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naiif, 2011.

RAMOS, G. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte, Autêntica, 2011, 173 p.

Recebido em: 20/12/2023

Aceito em: 18/11/2024